

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ  
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.629

Quarta-feira, 19 de Março de 1924

PREÇO—30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia  
Calçada do Combro, 38-A, 2.º, Lisboa—PORTUGAL  
TELEFONE—5339-C  
Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Os funcionários facilmente ganharão a greve, se souberem usar daquela energia, decisão e persistência, que tanta vez teem levado as massas operárias à vitória.

## COMEÇOU ONTEM A GREVE DO FUNCIONALISMO

Ontem à tarde a debandada foi quasi geral nas repartições — A greve deve assumir hoje formidável imponentia — O governo ameaça os grevistas com papões que já não metem medo — Se os grevistas se mantiverem firmes o governo ou cede ou cai — Algumas verdades duras como punhos — Solidariedade e firmeza!

Mais por culpa do governo do que por vontade dos funcionários, a greve declarou-se ontem a greve geral. A luta pode ser enérgica e os grevistas souberem empregar astúcia e decisão no combate, a vitória deve sorrir-lhes. A atitude altiva que o sr. Alvaro de Castro assumiu ontem no parlamento não obedece a qualquer força real; e o apoio que de todos os lados da Câmara lhe foi prestado — não presta para nada...

O governo está tremido. A sua marcha é para a queda. A greve dá-lhe uma força aparente — e o apoio é uma cilada. Quanto mais forte, mais solidária for a greve dos funcionários, mais se acentuará o nó que o parlamento ontem, com o seu apoio, passou em torno do pescoço do sr. Alvaro de Castro. Apoio ao governo, quer-se; aguento-se o sr. Alvaro de Castro com o peso de uma greve formidável.

A salvação dos grevistas está em apertar o nó, isto é, em não intimidarem perante ameaças que não passam de retórica. E o sr. Alvaro de Castro só terá dois caminhos a seguir: resolver a questão a contento do funcionalismo ou pedir a demissão. Se tomar o primeiro caminho, melhor; se pedir a demissão, compete ao funcionalismo manter enérgicamente a greve de forma que o novo governo tenha de solucionar a imediatamente — porque um novo governo não poderá governar com uma greve de funcionários a entravar-lhe todas as medidas, a manietá-lo, a reduzi-lo à impotência.

Falou o sr. Alvaro de Castro, no parlamento, em pôr em prática medidas draconianas, substituindo os funcionários civis por militares. Mas com que autoridade moral poderá o presidente do governo obrigar os militares, que também estão descontentes e a quem os soldados não chegam, a trabalhar nas repartições. Essa medida só poderá levar às fileiras militares o espírito de revolta — porque os militares, por muito obsecados que estejam pelos deveres rígidos da guerra, não deixarão entretanto de compreender que não entra no âmbito das obrigações militares atrair um movimento justo.

O sr. Alvaro de Castro, no intuito de assustar os medrosos, actualizou que os dirigentes da greve são amigos de A Batalha. Já lá está o tempo que A Batalha assustava os funcionários. Hoje conhecemos que não é de A Batalha que parte o mal que os aflige, mas dos governos que lhes negam sistematicamente o pão de cada dia. E os funcionários, não se intimidem com os papões apresentados pelo sr. Alvaro de Castro, e alcancem a vitória.

**A declaração da greve**  
Os ministérios ficaram ontem quasi todos abandonados

Ontem à tarde, pelas 16 horas, uns pequenos papéis começaram a circular nas repartições. Rezavam assim: «Funcionários! — O vosso comité, não deixando manter por mais tempo, com uma greve a classe, esta situação, convida todos os funcionários ao abandono dos lugares e declara a greve. Viva o funcionalismo! — O comité».

Esta nota teve o condão de esvaziar os ministérios. Andavam os papéis na mão em mão espalhando a novidade, e a ninguém surpreendeu.

Pouco depois prazas da C. N. R. e a Rua 16 invadiram a Arcada, dançando um caracolito aspecto bélico. Reuniram-se o vèxame de todos os funcionários serem apalados — não conduzindo alguma bomba na algebrisa do corpo. Não era permitida a entrada nos ministérios, de pessoas estranhas.

Os funcionários da Exploração do Porto de Lisboa secundaram a greve. Presente-se neste movimento uma dada firmeza, que dará certo um pouco que fazer aos governantes.

A greve hoje deve ser total, grandiosa. Ontem, como a proclamação tivesse seguido à hora da saída a algumas repartições alguns funcionários — não por falta de vontade — não tiveram tempo de declarar a greve, o que farão hoje, não impedindo os seus empregos.

**Que se passou em São Bento**  
O governo é distribuído um papel antipático, que será devidamente recompensado — Quem são os extremistas

Na ordem do dia, em meio de confusão, o governo proclama a desordem. O sr. Alvaro de Castro comunica a declaração da greve dos funcionários, substituindo a a instituições extremistas.

Um telegrama de Teixeira Danton, ao sr. Alvaro diz ser nosso amigo e comunista, julgando que nos surpreendamos — segundo a sua própria expressão — as quais consistem na substituição dos funcionários por militares, encerramento de várias repartições e expulsão dos extremistas. Por extrínsecas ficamos entendendo os funcionários que vivem numa extrema penúria e os doze farrapos da república que, ou o país ao extremo da desordem, ou os extremistas tocam-se...

\*\*\*  
Provavelmente uma moção dando ao sr. Alvaro de Castro o fardo de carregar os funcionários para as repartições. A pasta está o leitor a calcular, 3350 mais que toda a companhia mas 15500 mais o seu desprezo pelo serviço — um farrapo e um bonzo, 18300 o monárquico Morais Carvalhães. No dia da corrida, lá estaremos, 6800 que a vingança tanto é prazer dos 15500 como dos devotos...

\*\*\*  
Como todos se entendem. O monárquico Carvalhães da Silva, de nariz como um abutre, o nacionalista Nunes, insigne orador, o demo-

feita a multiplicação o resultado encontrado nos seguintes números bem elucidativos:

Para um 3.º oficial — Vencimento melhorado 531\$78. Para um tenente — Vencimento melhorado 803\$50.

Pedi-se a equiparação em vencimentos de um 3.º oficial a um tenente: isto significa, em bom português, que se pediu para os terceiros oficiais um aumento de 271\$72, só isto!

Não se pediam honrarias. Não se pediam honrarias para ninguém que no último governo do sr. António Maria da Silva se triplicaram as gratificações a todos os oficiais, que os há, tam civis como funcionários civis, acumulando-se sem nada produzir, nas secretarias do Estado, alguns até, sabendo-se o caminho dessas secretarias para irem no fim do mês buscar os soldos! Podemos dar nomes, se os quiserem.

**Nota oficiosa do Comité**  
Deve ser hoje distribuída pelo funcionalismo a seguinte nota oficiosa:

**Funcionários:** A greve está lançada. Desde a primeira hora do nosso movimento as adesões são constantes, tanto de Lisboa, como da provincia.

Do funcionalismo só uma situação se aponta: Firmes.

O vosso Comité saúda com entusiasmo a imprensa do país, especialmente A Tarde, A Batalha, A Imprensa Nova e Diário de Lisboa, e todos os seus colegas em luta nesta causa em que nos assiste Razão, Justiça, Moralidade, reconhecidas por todos, incluindo o actual governo.

Honra à classe dos Funcionários Públicos!

Viva a greve!

O comité aproveita a ocasião para repudiar enérgicamente, em nome da classe, a declaração feita ao Parlamento pelo sr. presidente do Ministério de que o nosso movimento, «alien das reclamações de ordem económica, tem um carácter político, pretende atingir a política republicana».

O dr. sr. Alvaro de Castro falou a verdade nesta sua declaração. O movimento do funcionalismo não tem política, nunca a teve, nem a terá. O nosso movimento, «alien das reclamações de ordem económica», tem um carácter, tem, ninguém o nega, mas não político, nem pretendendo atingir a política republicana, mas moral: a classe vexada, iludida, respondeu a esses mentes prespos com honra, com brio, com a

política republicana.

Prezado camarada, amigo e duas vezes colega Carlos José de Sousa, redactor principal de A Batalha, Saúde e Solidariedade. — Não sei nem pretendo

manter-me no poleiro mais de dois anos, exercendo contra os trabalhadores as mais acerbadas repressões e perseguições. E a vida continuou a encarecer e a moeda foi-se desvalorizando. Porquê? Por causa da circulação fiduciária, disseram.

E porque, dizem agora, as outras nações não depositam confiança na nossa praça, visto que só nos Bancos de Londres estão depositados valores na importância de 140 milhões de libras pertencentes a portugueses. Estes milhões a quem pertencem? Com certeza que devem pertencer aos operários, mas não foram eles, não, que os mandaram para lá.

As «forças do olho vivo» devem ter o seu reservatório de trucas quasi esgotado. Por isso trataram de apalpar o pulso à sua vítima, mas como ela não estivesse ainda em estado de dar o último arranco, depois do dia 22 de Fevereiro último, trataram logo de lhe sugar mais algumas gotas do seu sangue. Alguns bandidos fizeram as malas e puseram-se em lugar seguro, não com receio que lhes assaltassem os estabelecimentos, mas no intuito de se esquivarem à justiça popular. Outros ainda por cá andam, devidamente esculhados, gosando as delícias da sua bela obra...

Devo recordar aos republicanos sinceros que Paiva Couceiro afirmou, depois das suas incursões pela fronteira, que havia de restaurar a monarquia sem dar um tiro. O homem se bem o disse melhor o fez. E se em Lisboa não conseguiu o que desejava, foi porque os seus auxiliares usaram de má fé tática. No entanto no norte foi o que se viu. Toda a gente conhece a história da troca das notas do Banco que representam ouro. Pois desde a Trautália a esta parte é que se teem dado os factos acima apontados. Quem joga na bolsa? Quem são os donos dos Bancos e das principais companhias exploradoras, como sejam os tabacos, fósforos, caminhos de ferro, União Fabril, etc.? Quem são os que provocam a desvalorização da moeda? Porquê se elevam todos os preços e os preços dos géneros? Com quem se compram grandes jornais? Porquê é que se dão bons lugares a jorna-

leiros e lealdade que possui e que não permite a ninguém duvidar delas. Na hora de sacrifícios nunca o funcionalismo público deixou de cumprir o seu dever e na última guerra, como civil, portou-se heroicamente. Que todos o saibam.

Funcionários: É preciso não esquecer que o Comité é composto de colegas vossos.

Nunca poderão, pois, resolver nada que coloque a classe numa situação deprimida, mesmo por honra própria.

Assim, o Comité tem autoridade moral para dizer-vos: Funcionários firmes, aguardando as resoluções e demarções futuras.

Que o vosso Comité não tenha o desgosto de tornar público nomes envidados com os versos de Camões:

— Dizei também que nos portugueses Alguns traidores houve algumas vezes. Viva a greve.

**Uma carta de José Benedy**  
O nosso camarada José Benedy dirigiu ao redactor principal de A Batalha a carta que abaixo publicamos. Não estamos inteiramente de acordo com o seu conteúdo. São realmente poderosas as razões que evoca para justificar a sua atitude. Entretanto, essas razões nunca nos levariam a seguir o caminho que Benedy pretende tomar.

Não quero Benedy colaborar na greve, sob o pretexto que ela é desastrosa. Um verdadeiro revolucionário, uma pessoa que, como este camarada, com tanto desinteresse se sacrifica por causas nobres não devia neste momento negar o seu esforço numa luta que tem um carácter humano a justificar. É certo que grande número de funcionários seria incapaz de assumir as atitudes de nobre rebeldia que tem constituído a vida de Benedy. Mas que poderá importar a um revolucionário sincero, a camaradagem alheia? A consciência é a primeira entidade a quem se deve prestar conta. A consciência recta de Benedy, só por um erro de visão, pode ditar-lhe agora um mau caminho e um gesto antipático. A demissão neste momento é uma abdicação. É preferível ser-se demitido por entrar na luta do que pretender furtar-se a ela.

Eis a carta:

Prezado camarada, amigo e duas vezes colega Carlos José de Sousa, redactor principal de A Batalha, Saúde e Solidariedade. — Não sei nem pretendo

manter-me no poleiro mais de dois anos, exercendo contra os trabalhadores as mais acerbadas repressões e perseguições. E a vida continuou a encarecer e a moeda foi-se desvalorizando. Porquê? Por causa da circulação fiduciária, disseram.

E porque, dizem agora, as outras nações não depositam confiança na nossa praça, visto que só nos Bancos de Londres estão depositados valores na importância de 140 milhões de libras pertencentes a portugueses. Estes milhões a quem pertencem? Com certeza que devem pertencer aos operários, mas não foram eles, não, que os mandaram para lá.

As «forças do olho vivo» devem ter o seu reservatório de trucas quasi esgotado. Por isso trataram de apalpar o pulso à sua vítima, mas como ela não estivesse ainda em estado de dar o último arranco, depois do dia 22 de Fevereiro último, trataram logo de lhe sugar mais algumas gotas do seu sangue. Alguns bandidos fizeram as malas e puseram-se em lugar seguro, não com receio que lhes assaltassem os estabelecimentos, mas no intuito de se esquivarem à justiça popular. Outros ainda por cá andam, devidamente esculhados, gosando as delícias da sua bela obra...

Devo recordar aos republicanos sinceros que Paiva Couceiro afirmou, depois das suas incursões pela fronteira, que havia de restaurar a monarquia sem dar um tiro. O homem se bem o disse melhor o fez. E se em Lisboa não conseguiu o que desejava, foi porque os seus auxiliares usaram de má fé tática. No entanto no norte foi o que se viu. Toda a gente conhece a história da troca das notas do Banco que representam ouro. Pois desde a Trautália a esta parte é que se teem dado os factos acima apontados. Quem joga na bolsa? Quem são os donos dos Bancos e das principais companhias exploradoras, como sejam os tabacos, fósforos, caminhos de ferro, União Fabril, etc.? Quem são os que provocam a desvalorização da moeda? Porquê se elevam todos os preços e os preços dos géneros? Com quem se compram grandes jornais? Porquê é que se dão bons lugares a jorna-

leiros e lealdade que possui e que não permite a ninguém duvidar delas. Na hora de sacrifícios nunca o funcionalismo público deixou de cumprir o seu dever e na última guerra, como civil, portou-se heroicamente. Que todos o saibam.

Funcionários: É preciso não esquecer que o Comité é composto de colegas vossos.

Nunca poderão, pois, resolver nada que coloque a classe numa situação deprimida, mesmo por honra própria.

Assim, o Comité tem autoridade moral para dizer-vos: Funcionários firmes, aguardando as resoluções e demarções futuras.

Que o vosso Comité não tenha o desgosto de tornar público nomes envidados com os versos de Camões:

— Dizei também que nos portugueses Alguns traidores houve algumas vezes. Viva a greve.

**Nota oficiosa do Comité**  
Deve ser hoje distribuída pelo funcionalismo a seguinte nota oficiosa:

**Funcionários:** A greve está lançada. Desde a primeira hora do nosso movimento as adesões são constantes, tanto de Lisboa, como da provincia.

Do funcionalismo só uma situação se aponta: Firmes.

O vosso Comité saúda com entusiasmo a imprensa do país, especialmente A Tarde, A Batalha, A Imprensa Nova e Diário de Lisboa, e todos os seus colegas em luta nesta causa em que nos assiste Razão, Justiça, Moralidade, reconhecidas por todos, incluindo o actual governo.

Honra à classe dos Funcionários Públicos!

Viva a greve!

O comité aproveita a ocasião para repudiar enérgicamente, em nome da classe, a declaração feita ao Parlamento pelo sr. presidente do Ministério de que o nosso movimento, «alien das reclamações de ordem económica, tem um carácter político, pretende atingir a política republicana».

O dr. sr. Alvaro de Castro falou a verdade nesta sua declaração. O movimento do funcionalismo não tem política, nunca a teve, nem a terá. O nosso movimento, «alien das reclamações de ordem económica», tem um carácter, tem, ninguém o nega, mas não político, nem pretendendo atingir a política republicana, mas moral: a classe vexada, iludida, respondeu a esses mentes prespos com honra, com brio, com a

política republicana.

Prezado camarada, amigo e duas vezes colega Carlos José de Sousa, redactor principal de A Batalha, Saúde e Solidariedade. — Não sei nem pretendo

manter-me no poleiro mais de dois anos, exercendo contra os trabalhadores as mais acerbadas repressões e perseguições. E a vida continuou a encarecer e a moeda foi-se desvalorizando. Porquê? Por causa da circulação fiduciária, disseram.

E porque, dizem agora, as outras nações não depositam confiança na nossa praça, visto que só nos Bancos de Londres estão depositados valores na importância de 140 milhões de libras pertencentes a portugueses. Estes milhões a quem pertencem? Com certeza que devem pertencer aos operários, mas não foram eles, não, que os mandaram para lá.

As «forças do olho vivo» devem ter o seu reservatório de trucas quasi esgotado. Por isso trataram de apalpar o pulso à sua vítima, mas como ela não estivesse ainda em estado de dar o último arranco, depois do dia 22 de Fevereiro último, trataram logo de lhe sugar mais algumas gotas do seu sangue. Alguns bandidos fizeram as malas e puseram-se em lugar seguro, não com receio que lhes assaltassem os estabelecimentos, mas no intuito de se esquivarem à justiça popular. Outros ainda por cá andam, devidamente esculhados, gosando as delícias da sua bela obra...

Devo recordar aos republicanos sinceros que Paiva Couceiro afirmou, depois das suas incursões pela fronteira, que havia de restaurar a monarquia sem dar um tiro. O homem se bem o disse melhor o fez. E se em Lisboa não conseguiu o que desejava, foi porque os seus auxiliares usaram de má fé tática. No entanto no norte foi o que se viu. Toda a gente conhece a história da troca das notas do Banco que representam ouro. Pois desde a Trautália a esta parte é que se teem dado os factos acima apontados. Quem joga na bolsa? Quem são os donos dos Bancos e das principais companhias exploradoras, como sejam os tabacos, fósforos, caminhos de ferro, União Fabril, etc.? Quem são os que provocam a desvalorização da moeda? Porquê se elevam todos os preços e os preços dos géneros? Com quem se compram grandes jornais? Porquê é que se dão bons lugares a jorna-

leiros e lealdade que possui e que não permite a ninguém duvidar delas. Na hora de sacrifícios nunca o funcionalismo público deixou de cumprir o seu dever e na última guerra, como civil, portou-se heroicamente. Que todos o saibam.

Funcionários: É preciso não esquecer que o Comité é composto de colegas vossos.

Nunca poderão, pois, resolver nada que coloque a classe numa situação deprimida, mesmo por honra própria.

Assim, o Comité tem autoridade moral para dizer-vos: Funcionários firmes, aguardando as resoluções e demarções futuras.

Que o vosso Comité não tenha o desgosto de tornar público nomes envidados com os versos de Camões:

— Dizei também que nos portugueses Alguns traidores houve algumas vezes. Viva a greve.

**Nota oficiosa do Comité**  
Deve ser hoje distribuída pelo funcionalismo a seguinte nota oficiosa:

**Funcionários:** A greve está lançada. Desde a primeira hora do nosso movimento as adesões são constantes, tanto de Lisboa, como da provincia.

Do funcionalismo só uma situação se aponta: Firmes.

O vosso Comité saúda com entusiasmo a imprensa do país, especialmente A Tarde, A Batalha, A Imprensa Nova e Diário de Lisboa, e todos os seus colegas em luta nesta causa em que nos assiste Razão, Justiça, Moralidade, reconhecidas por todos, incluindo o actual governo.

Honra à classe dos Funcionários Públicos!

Viva a greve!

O comité aproveita a ocasião para repudiar enérgicamente, em nome da classe, a declaração feita ao Parlamento pelo sr. presidente do Ministério de que o nosso movimento, «alien das reclamações de ordem económica, tem um carácter político, pretende atingir a política republicana».

O dr. sr. Alvaro de Castro falou a verdade nesta sua declaração. O movimento do funcionalismo não tem política, nunca a teve, nem a terá. O nosso movimento, «alien das reclamações de ordem económica», tem um carácter, tem, ninguém o nega, mas não político, nem pretendendo atingir a política republicana, mas moral: a classe vexada, iludida, respondeu a esses mentes prespos com honra, com brio, com a

política republicana.

Prezado camarada, amigo e duas vezes colega Carlos José de Sousa, redactor principal de A Batalha, Saúde e Solidariedade. — Não sei nem pretendo

manter-me no poleiro mais de dois anos, exercendo contra os trabalhadores as mais acerbadas repressões e perseguições. E a vida continuou a encarecer e a moeda foi-se desvalorizando. Porquê? Por causa da circulação fiduciária, disseram.

E porque, dizem agora, as outras nações não depositam confiança na nossa praça, visto que só nos Bancos de Londres estão depositados valores na importância de 140 milhões de libras pertencentes a portugueses. Estes milhões a quem pertencem? Com certeza que devem pertencer aos operários, mas não foram eles, não, que os mandaram para lá.

As «forças do olho vivo» devem ter o seu reservatório de trucas quasi esgotado. Por isso trataram de apalpar o pulso à sua vítima, mas como ela não estivesse ainda em estado de dar o último arranco, depois do dia 22 de Fevereiro último, trataram logo de lhe sugar mais algumas gotas do seu sangue. Alguns bandidos fizeram as malas e puseram-se em lugar seguro, não com receio que lhes assaltassem os estabelecimentos, mas no intuito de se esquivarem à justiça popular. Outros ainda por cá andam, devidamente esculhados, gosando as delícias da sua bela obra...

Devo recordar aos republicanos sinceros que Paiva Couceiro afirmou, depois das suas incursões pela fronteira, que havia de restaurar a monarquia sem dar um tiro. O homem se bem o disse melhor o fez. E se em Lisboa não conseguiu o que desejava, foi porque os seus auxiliares usaram de má fé tática. No entanto no norte foi o que se viu. Toda a gente conhece a história da troca das notas do Banco que representam ouro. Pois desde a Trautália a esta parte é que se teem dado os factos acima apontados. Quem joga na bolsa? Quem são os donos dos Bancos e das principais companhias exploradoras, como sejam os tabacos, fósforos, caminhos de ferro, União Fabril, etc.? Quem são os que provocam a desvalorização da moeda? Porquê se elevam todos os preços e os preços dos géneros? Com quem se compram grandes jornais? Porquê é que se dão bons lugares a jorna-

leiros e lealdade que possui e que não permite a ninguém duvidar delas. Na hora de sacrifícios nunca o funcionalismo público deixou de cumprir o seu dever e na última guerra, como civil, portou-se heroicamente. Que todos o saibam.

Funcionários: É preciso não esquecer que o Comité é composto de colegas vossos.

Nunca poderão, pois, resolver nada que coloque a classe numa situação deprimida, mesmo por honra própria.

Assim, o Comité tem autoridade moral para dizer-vos: Funcionários firmes, aguardando as resoluções e demarções futuras.

Que o vosso Comité não tenha o desgosto de tornar público nomes envidados com os versos de Camões:

— Dizei também que nos portugueses Alguns traidores houve algumas vezes. Viva a greve.

**Nota oficiosa do Comité**  
Deve ser hoje distribuída pelo funcionalismo a seguinte nota oficiosa:

**Funcionários:** A greve está lançada. Desde a primeira hora do nosso movimento as adesões são constantes, tanto de Lisboa, como da provincia.

Do funcionalismo só uma situação se aponta: Firmes.

O vosso Comité saúda com entusiasmo a imprensa do país, especialmente A Tarde, A Batalha, A Imprensa Nova e Diário de Lisboa, e todos os seus colegas em luta nesta causa em que nos assiste Razão, Justiça, Moralidade, reconhecidas por todos, incluindo o actual governo.

Honra à classe dos Funcionários Públicos!

Viva a greve!

O comité aproveita a ocasião para repudiar enérgicamente, em nome da classe, a declaração feita ao Parlamento pelo sr. presidente do Ministério de que o nosso movimento, «alien das reclamações de ordem económica, tem um carácter político, pretende atingir a política republicana».

O dr. sr. Alvaro de Castro falou a verdade nesta sua declaração. O movimento do funcionalismo não tem política, nunca a teve, nem a terá. O nosso movimento, «alien das reclamações de ordem económica», tem um carácter, tem, ninguém o nega, mas não político, nem pretendendo atingir a política republicana, mas moral: a classe vexada, iludida, respondeu a esses mentes prespos com honra, com brio, com a

política republicana.

Prezado camarada, amigo e duas vezes colega Carlos José de Sousa, redactor principal de A Batalha, Saúde e Solidariedade. — Não sei nem pretendo

manter-me no poleiro mais de dois anos, exercendo contra os trabalhadores as mais acerbadas repressões e perseguições. E a vida continuou a encarecer e a moeda foi-se desvalorizando. Porquê? Por causa da circulação fiduciária, disseram.

E porque, dizem agora, as outras nações não depositam confiança na nossa praça, visto que só nos Bancos de Londres estão depositados valores na importância de 140 milhões de libras pertencentes a portugueses. Estes milhões a quem pertencem? Com certeza que devem pertencer aos operários, mas não foram eles, não, que os mandaram para lá.

As «forças do olho vivo» devem ter o seu reservatório de trucas quasi esgotado. Por isso trataram de apalpar o pulso à sua vítima, mas como ela não estivesse ainda em estado de dar o último arranco, depois do dia 22 de Fevereiro último, trataram logo de lhe sugar mais algumas gotas do seu sangue. Alguns bandidos fizeram as malas e puseram-se em lugar seguro, não com receio que lhes assaltassem os estabelecimentos, mas no intuito de se esquivarem à justiça popular. Outros ainda por cá andam, devidamente esculhados, gosando as delícias da sua bela obra...

Devo recordar aos republicanos sinceros que Paiva Couceiro afirmou, depois das suas incursões pela fronteira, que havia de restaurar a monarquia sem dar um tiro. O homem se bem o disse melhor o fez. E se em Lisboa não conseguiu o que desejava, foi porque os seus auxiliares usaram de má fé tática. No entanto no norte foi o que se viu. Toda a gente conhece a história da troca das notas do Banco que representam ouro. Pois desde a Trautália a esta parte é que se teem dado os factos acima apontados. Quem joga na bolsa? Quem são os donos dos Bancos e das principais companhias exploradoras, como sejam os tabacos, fósforos, caminhos de ferro, União Fabril, etc.? Quem são os que provocam a desvalorização da moeda? Porquê se elevam todos os preços e os preços dos géneros? Com quem se compram grandes jornais? Porquê é que se dão bons lugares a jorna-

leiros e lealdade que possui e que não permite a ninguém duvidar delas. Na hora de sacrifícios nunca o funcionalismo público deixou de cumprir o seu dever e na última guerra, como civil, portou-se heroicamente. Que todos o saibam.

Funcionários: É preciso não esquecer que o Comité é composto de colegas vossos.

Nunca poderão, pois, resolver nada que coloque a classe numa situação deprimida, mesmo por honra própria.

Assim, o Comité tem autoridade moral para dizer-vos: Funcionários firmes, aguardando as resoluções e demarções futuras.

Que o vosso Comité não tenha o desgosto de tornar público nomes envidados com os versos de Camões:

— Dizei também que nos portugueses Alguns traidores houve algumas vezes. Viva a greve.

**Nota oficiosa do Comité**  
Deve ser hoje distribuída pelo funcionalismo a seguinte nota oficiosa:

**Funcionários:** A greve está lançada. Desde a primeira hora do nosso movimento as adesões são constantes, tanto de Lisboa, como da provincia.

Do funcionalismo só uma situação se aponta: Firmes.

O vosso Comité saúda com entusiasmo a imprensa do país, especialmente A Tarde, A Batalha, A Imprensa Nova e Diário de Lisboa, e todos os seus colegas em luta nesta causa em que nos assiste Razão, Justiça, Moralidade, reconhecidas por todos, incluindo o actual governo.

Honra à classe dos Funcionários Públicos!

Viva a greve!

O comité aproveita a ocasião para repudiar enérgicamente, em nome da classe, a declaração feita ao Parlamento pelo sr. presidente do Ministério de que o nosso movimento, «alien das reclamações de ordem económica, tem um carácter político, pretende atingir a política republicana».

O dr. sr. Alvaro de Castro falou a verdade nesta sua declaração. O movimento do funcionalismo não tem política, nunca a teve, nem a terá. O nosso movimento, «alien das reclamações de ordem económica», tem um carácter, tem, ninguém o nega, mas não político, nem pretendendo atingir a política republicana, mas moral: a classe vexada, iludida, respondeu a esses mentes prespos com honra, com brio, com a

política republicana.

Prezado camarada, amigo e duas vezes colega Carlos José de Sousa, redactor principal de A Batalha, Saúde e Solidariedade. — Não sei nem pretendo

manter-me no poleiro mais de dois anos, exercendo contra os trabalhadores as mais acerbadas repressões e perseguições. E a vida continuou a encarecer e a moeda foi-se desvalorizando. Porquê? Por causa da circulação fiduciária, disseram.

E porque, dizem agora, as outras nações não depositam confiança na nossa praça, visto que só nos Bancos de Londres estão depositados valores na importância de 140 milhões de libras pertencentes a portugueses. Estes milhões a quem pertencem? Com certeza que devem pertencer aos operários, mas não foram eles, não, que os mandaram para lá.

As «forças do olho vivo» devem ter o seu reservatório de trucas quasi esgotado. Por isso trataram de apalpar o pulso à sua vítima, mas como ela não estivesse ainda em estado de dar o último arranco, depois do dia 22 de Fevereiro último, trataram logo de lhe sugar mais algumas gotas do seu sangue. Alguns bandidos fizeram as malas e puseram-se em lugar seguro, não com receio que lhes assaltassem os estabelecimentos, mas no intuito de se esquivarem à justiça popular. Outros ainda por cá andam, devidamente esculhados, gosando as delícias da sua bela obra...

Devo recordar aos republicanos sinceros que Paiva Couceiro afirmou, depois das suas incursões pela fronteira, que havia de restaurar a monarquia sem dar um tiro. O homem se bem o disse melhor o fez. E se em Lisboa não conseguiu o que desejava, foi porque os seus auxiliares usaram de má fé tática. No entanto no norte foi o que se viu. Toda a gente conhece a história da troca das notas do Banco que representam ouro. Pois desde a Trautália a esta parte é que se teem dado os factos acima apontados. Quem joga na bolsa? Quem são os donos dos Bancos e das principais companhias exploradoras, como sejam os tabacos, fósforos, caminhos de ferro, União Fabril, etc.? Quem são os que provocam a desvalorização da moeda? Porquê se elevam todos os preços e os preços dos géneros? Com quem se compram grandes jornais? Porquê é que se dão bons lugares a jorna-

leiros e lealdade que possui e que não permite a ninguém duvidar delas. Na hora de sacrifícios nunca o funcionalismo público deixou de cumprir o seu dever e na última guerra, como civil, portou-se heroicamente. Que todos o saibam.

Funcionários: É preciso não



## CRONICA PARA LAMENTAR

## NO CIRCO DE SÃO BENTO

Foi ontem dia de ensaio geral—Como prega Carvalho da Silva—Fala-se de vinho e de extremismos—Alvaro de Castro, ministro plenipotenciário das forças vivas

O génio alegre do nosso repórter ausentou-se ontem da sessão parlamentar. Limitou-se a registar as notas mais salientes, para não faltar à chamada. De resto, ontem não houve espectáculo, mas apenas ensaios — ensaio das oposições no governo, ensaio do governo nos funcionários públicos, além dum ensaio do sr. Tavares de Carvalho na cadeira da vida e dum ensaio geral na questão vinícola.

A sessão só se iniciou às 16 horas, notando-se que o sr. Baltazar Teixeira vem barbeado de fresco e com o cabelo bem apurado. O sr. Tavares de Carvalho promete massar o Parlamento com um discurso por dia, até que o escudo suba e o bacalhau desça. O sr. Alvaro de Castro responde que não há cobras para baratear a vida, a não ser que o Parlamento vote as suas medidas. A conversa dele...

O sr. Carvalho da Silva, que chega às 16 horas menos cinco minutos, protesta contra a tardia abertura das sessões, atribuindo as culpas aos demagogos, que chegam sempre a mais horas...

No meio de grande excitação, fala-se dos vinhos, apreciando-se as variedades das marcas. Falam os sr. Alberto Cruz, Lello Pereira, Jorge Nunes e o ministro dos Estrangeiros. Uns referem-se aos vinhos do Norte, outros aos do Sul e o último por dever de ofício só fala dos nacionais.

Em seguida, a comissão distribui os papéis da grande farça contra os funcionários. Ao presidente do ministério

nunca devia ter existido, como também as direcções gerais e outras andrôminas semelhantes que lhe sucederam, inclusivamente o commissário dos abastecimentos, com os seus armazéns «reguladores» de preços, tudo palliatives e artificiosos burocráticos de que maneira alguma, antes pelo contrario, impediram ou impedirão a criminosos e sempre crescente carestia da vida que tem reduzido a si toda a gente e em especial o funcionalismo público civil a uma condição económica muito menos suportável que aquela do mais miserável mendigo.

Desta maneira é que eu entendo que se deve falar, sobretudo num jornal de desempoeirado e não vendido nem alugado à alta finança e à grossa moagem, ou propriedade duma ou outra ou das duas, ao mesmo tempo.

É assim que se deve falar, principalmente em «A Batalha», a qual, apesar dos seus inevitáveis defeitos, é um jornal independente, além de ser um jornal de acção e de combate, refractário aos prejuízos e às convenções sociais que alimentam a hipocrisia.

Vou aqui o caso da apalpação no ministério dos Abastecimentos para eu poder afirmar e demonstrar que os funcionários públicos, recentemente apalpaçados pela guarda republicana e por outros elementos militares, da saída dos respectivos ministérios, perderam uma excelente ocasião para, fazendo como eu fiz no ministério dos Abastecimentos, se declararem em greve, como em então declarei e limparem-se do gratuito e tremendo enxovalho que se lhes fez e que, pelo visto, passou despercebido ao funcionalismo, que «A Batalha» acaba de entrevistar.

Não há dúvida que o actual governo e os governos que ultimamente o precederam tem andado a jogar às escondidas, ao juri, à cabra-cega e aos cinco cantinhos com o funcionalismo civil, na parte que diz respeito ao aumento das melhorias, melhor dizendo das piores, procurando e servindo-se de todos os pretextos para provocar uma greve de funcionários que, ouso affirmar, será um desastre para a grande maioria dos que na mesma greve se lançarem, da melhor boa fé.

E tanto assim que eu já requeri ao meu ministro (o da Agricultura) que, se tal greve se declarar, haja por bem demitir-me imediatamente, isto para eu não ser lordeado a ter um movimento com o qual eu unicamente não posso concordar, preferindo, em tudo e por tudo, jôgo franco e cartas na mesa.

É assim que se procede, de perfeita harmonia com os bons princípios. É assim que se escreve, firmando o que se escreve e julgando as charlatarias ao afrentar a fera que, no caso suspeito, vem a ser o Estado-patrão que tudo e todos desgoverna, sem coragem, pelo menos para exercer a sua acção moralizadora sobre o bandidismo desenfreado que se governa, a tórto e a direito, sugando, até à última gota, o sangue desbordante da nação moribunda, com o aplauso expresso e altisonante de não poucos jornalistas venais e corruptos que classificam de pessimismo o que não passa dum acto de profunda e muito racional cirurgia.

É assim que se escreve ou deve escrever: com lealdade, clareza e desassombro, aconteça o que acontecer, pelo respeito de si próprio e merecer bem o respeito alheio.

O contrario é jôgo vistoso de malabares; é fumo de palha, sem fogo; ilusionismo, puro e simples; poeira na estrada; gôta d'água no oceano, quando não amarellecida e mais nada, para não lhe dar o nome mais apropriado de... *banha de cheiro*.

Dirá você, ó Carlos José de Sousa e dirão outros que esta carta é muito comprida. Mas é sabido que não há cartas nem artigos grandes quando o assunto respectivo é do agrado das redacções, tanto assim que os jornais, todos eles, são de borracha para estender e encolher, segundo as circunstâncias.

Com isto não o enfado mais. E eu acima de tudo cidadão português, no gozo dos meus direitos civis e políticos, antigo e humilde jornalista, modesto publicista, como tal reconhecido e terro oficial do quadro especial do mi-

conbe um papel que quadra bem ao cinismo em que é extremista. Vai noutro lugar a descrição do grande acontecimento.

Agora, a proposta sobre a lei do sêlo — que não passa da garganta governamental. O sr. Velhinho Correia, demagógico e aprendiz de orador com prática de guarda-livros, apresenta um qualquer projecto para tirar o governo da cascada. Foi infeliz na sorte de negociante chinês, o que é caso para lhe darmos afectuosos sentimentos. A maior sôva deram-lhe os nacionalistas Marques Loureiro e Barros Queiroz, que também não pouparam o governo.

O demagógico Carlos Pereira foi na mesma esteira: apanhou o Velhinho e apanhou o Alvarinho. Deste deputado há uma frase que serve para nosso comentário:

— Com as suas propostas o governo quer amarrar-nos abominavelmente, de pés e mãos, às forças vivas, que causam o mau-estar económico do país!

São bem bons, todos eles, nos bastidores. Em dia de ensaio é gozinhos da nossa friza.

Por não haver espectáculo, saíram vinte minutos mais cedo, todos à formiga, batendo os pés, falando animadamente, extremistas todos, quando se trata de atirar os contribuintes ao extremo de abdicarem da camisa em favor de agiota — extremista da patifaria.

Grandes coisas temos que contar, quando voltar o génio alegre do nosso redactor.

## Classes que reclamam

## Manipuladores de borracha

Reúnham ontem em assembleia magna para analisar a resposta dada pelo sr. Vitor Cordier, sócio gerente da Fábrica Nacional de Borracha, com sede na rua do Aguiar ao Beato; sobre o pedido de aumento de salário pedido e ainda sobre o mesmo senhor desde Dezembro retirar todas as garantias concedidas aos operários, licenciamos uns e colocando o resto do pessoal a 5 dias por semana, exigindo dos operários 2 horas a mais nos 5 dias.

A classe não concordou com a resposta dada pelo mesmo senhor, e resolveu visto se encontrar unida e disciplinada, a fazer todos os esforços para defesa do seu pão e de suas famílias.

## Manipuladores de pão

Reúnham em assembleia magna, no domingo, tendo causado a melhor impressão a leitura dos officios em que o delegado que foi ao norte dá conta de estarem os camaradas desta região dispostos a colaborar num movimento, com carácter nacional, do operariado da indústria.

Este sindicato, que recomenda a máxima união e firmeza a todos os manipuladores de pão, roga aos camaradas de Setúbal que lhe enviem para a rua do Arco do Marquês do Alegrete, 30,2, a direcção da respectiva associação de classe.

Todos os camaradas que o possam fazer, devem comparecer amanhã, pelas 13 horas, na sede, afim de levarem manifestos para distribuir à classe, para a reunião de domingo, às 17 horas.

## Ferroviários do Estado

Devido ao aturado trabalho e tenacidade da comissão de demarches dos ferroviários do Estado—Sindicato do Pessoal do Sul e Sueste e União Ferroviária do Minho e Douro—A Administração Geral dos Caminhos de Ferro faz publicar hoje a Ordem n.º 12, em que são concedidas algumas das reclamações apresentadas pela mesma comissão.

## NOTA DA COMISSÃO DE «DE-MARCHES»

Ontem novamente a comissão de demarches do Sindicato do Pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e União Ferroviária do Minho e Douro, se avistou com o engenheiro sr. Ernesto Navarro, Administrador Geral dos Caminhos de Ferro do Estado, sobre as resoluções tomadas pelo Conselho de Administração, em referência às reclamações apresentadas.

Também esta comissão se avistou com o engenheiro sr. Sales Guimarães, chefe do gabinete do ministro do Comércio, a quem a mesma fez sentir umas aciações às reclamações gerais e tratou da situação dos reformados, devendo um ponto de detalhe ser esclarecido na assembleia da classe.

Esta comissão apesar de considerar arredada a eclosão imediata de um conflito grave, recomenda no entanto, a todos os ferroviários a máxima união, serenidade e firmeza.

## Aos Sindicatos Marítimos

A Federação Marítima previne todos os sindicatos marítimos do sul e norte do país, para não darem crédito a um indivíduo de nacionalidade espanhola, que se diz perseguido com o fim único de burlar os camaradas, como já tem feito.

Faz-se o mesmo indivíduo acompanhar dum documento do Sindicato dos Descarregadores de Alhandra, cujos camaradas foram também burlados.

ministério da Agricultura, mais arrastado e materialmente mais miserável que o mais miserável mendigo que anda à esmola de porta em porta, um revolado de sempre contra todas as injustiças, iniquidades e hipocrisias assim o escrevi e assino em público e razo.

Lisboa, 18 de Março de 1924, às dez horas.

José BENEDY

## Coliseu dos Recreios

HOJE—A's 21 horas (9 da noite)

As maiores novidades e atracções da

## Nova Companhia de Circo

Grande e incomparavel sucesso dos notaveis artistas

Martha Farra, Meteoires, Irmãs Lédousson, Morandinis, The Eddys, Leopoldo, Bistreis, Liras, Irmãos Ferroni, Novas e Gerômes, Martinetti, Aben—:—: Iardini e Ghezzi :—:—

O melhor e mais barato espectáculo de Lisboa

AMANHÃ—Grandiosa matinee elegante

SILHETES À VENDA

## NA TURQUIA

O direito do voto às mulheres

CONSTANTINOPLE, 18.—Foram discutidas as 17 primeiras cláusulas da constituição turca pela Assembleia Nacional de Angora. A discussão foi reñida esperando-se um grande debate quando se tratar das atribuições presidenciais e do direito do voto do presidente. Durante a discussão foram feitas varias affirmações democraticas.

O direito do voto, embora ainda se não tivesse entrado propriamente na discussão dele, já foi atacado por varios deputados que entendem que elle representa uma medida reaccionaria.

Um dos aspectos mais interessantes da discussão foi o que marcou o progresso do movimento feminista. Todo o cidadão turco que completar 18 anos de idade, tem segundo o artigo 10 da constituição, direito a votar nas eleições parlamentares entendendo-se tambem esse direito às mulheres.

Muitos deputados defendem tambem que os mesmos direitos de elegibilidade que tenham os homens sejam applicados às mulheres. O deputado Ihsan-Bey presidente do Tribunal Supremo disse que era inútil pretender a entrada das mulheres no Parlamento, porque, dentro de 10 anos o máximo, a evolução normal das ideias faria com que elas tivessem uma larga parte na administração pública.

A isto respondeu um ecclesiástico musulmano que faz parte da assembleia que quando tal succedesse é porque os homens se tinham transformado em mulheres. São intelligíveis para deputados todos os individuos que não saibam ler ou escrever turco. Esta disposição costará os direitos a muitos individuos que vivem sob o dominio turco, mas está-se já exercendo uma larga propaganda para substituir os caracteres turcos pelos caracteres romanos o que facilitaria a aprendizagem do turco e reduzir o numero dos letrados dessa lingua.

## O 4.º Congresso Nacional da Construção Civil

vai realizar-se na cidade de Tomar nos dias 25, 26 e 27 de Maio

Reuniu a comissão organizadora que apreciou detidamente todos os trabalhos que é mister submeter à sanção do Congresso, tendo ficado resolvido que amanhã se dividam entre os delegados as respectivas teses a elaborar. Na mesma reunião vai ser apreciada uma circular que deve ser enviada a todos os organismos comunicando-lhes as resoluções tomadas e salientando a necessidade absoluta da realização do 4.º Congresso corporativo.

Espera, pois, a comissão que todos os sindicatos tomem na devida consideração o conteúdo dessa circular. Durante o espaço de tempo que falta para a realização do Congresso é necessário trabalhar-se com entusiasmo a fim de que os organismos se façam representar convenientemente. Nessa grande reunião magna nacional vão ser discutidos importantes trabalhos que em muito devem contribuir para o engrandecimento da organização corporativa. Consequentemente, se estreitarem também os laços de solidariedade que devem unir todos os trabalhadores a fim de se conquistar a esta infinda sociedade um pouco de bem estar e de se ir realizando uma preparação capaz de realizar uma grande obra de transformação social.

## Trabalhadores.

## Lede A BATALHA

## A organização Mobiliária

Em 8 de Agosto de 1923, em noticia encimada com o titulo «Semeando» publicou «A Batalha» algumas considerações, pelas quais se verificava que o operário marceneiro Alvaro Palma Antunes, devido a fazer propaganda dissolvente da organização mobiliária de Faro, de cujo Sindicato tinha sido um dos seus fundadores, levou uma assembleia do Sindicato a tomar a resolução de expulsão-lhe do seu seio.

Deste facto, tornado conhecido desta Federação oficialmente pelo Sindicato Mobiliário de Faro, resultou a publicação em «A Batalha», de 9 de Setembro, da nota de prevenção à organização mobiliária do país para que o referido individuo não continuasse a merecer a consideração de operário consciente de que até então era credor.

Esta Federação tendo enviado a Faro um seu delegado directo para, entre outros assuntos, precizar o resultado de uma assembleia posterior, que reabilitava aquelle camarada, por ser infundada a accusação feita, constou em assembleia a que assistiu que os motivos que levaram à expulsão d'aquelle camarada nunca existiram, e fôra unicamente a filia dum erro lamentavel de interpretação da parte dum dos componentes d'esse Sindicato, pelo que a assembleia, reconhecendo e por espirito de justiça, resolveu que Alvaro Palma Antunes continuasse a merecer a consideração de todo o operariado, o que esta Federação torna publico e do conhecimento da organização mobiliária.

A C. A. da Federação Mobiliária.

## Vida Sindical

C. G. T.

## Comité confederal

Reuniu ontem o Comité Confederal, dando despacho a vario expediente dos organismos, apreciando uma credencial da U. S. O. de Oitão, acreditando joia delegados representantes d'aquelle organismo.

Deve brevemente reunir o Conselho Confederal, para apreciar varios assuntos.

## Secção de federações

Reúne hoje, pelas 21 horas.

## U. S. O.

Reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa, com a presença dos componentes da Associação do Pessoal do Municipio, para tratar de assuntos que se prendem com a reorganização d'este sindicato.

## COMUNICAÇÕES

Federação dos Empregados no Comércio.—Junta Sul.—Reúniu no dia 13 p. p. esta Junta em sessão ordinaria, que appreciou vario expediente, entre o qual uma communicação da Federação Internacional dos Employes, a que se deu o respectivo destino. Foram lidos um cartão de agradecimento do camarada Edmundo Tavares, por esta Junta se ter representado no funeral de seu pai, e duas circulares da Secção de Federações que baixaram ao Conselho Geral.

Sobre grande numero de desempregados que existem actualmente em Lisboa e depois de varios camaradas se referirem ao assunto, ficou resolvido publicar-se uma nota officiosa dirigida a todas as Associações do país.

Foi nomeado delegado a sessão solemne de inauguração da bandeira que a Associação dos Empregados dos Telegrafos se realizou no nosso camarada Alfredo da Cruz. Ficou marcada a proxima reunião do Conselho Geral para quinta-feira, 20 do corrente.

S. U. Mobiliário.—Na passada 5.ª feira reuniram os corpos gerentes d'este sindicato. No expediente figurava um officio do pessoal dos telegraphos pedindo um delegado a festa de inauguração da sua bandeira, sendo nomeado Nunoel Nunes.

Foi apreciado o estado em que se encontra a industria sob o ponto de vista moral, sendo encarregado a comissão administrativa de apresentar um parecer a uma futura reunião, e para tornar este trabalho mais proficuo foi agradoado um componente dos corpos gerentes.

Foi tambem apreciada a situação em que se encontram varios camaradas com responsabilidades na organização, pelo indifferntismo que tem votado a mesma, tomando-se resoluções neste sentido.

Comissão de melhoramentos.—Reuniu esta comissão que entre outros assuntos appreciou a conduta do pessoal da casa João da Rita & C.ª, visto estar trabalhando de polido, sendo resolvido officiar-lhe. Appreciou tambem que na casa de França & C.ª se pretendia trabalhar no proximo domingo, alegando ser um compromisso, resolvendo esta comissão não consentir tal facto.

Tomou conhecimento de que varias casas se estão movimentando para alcançarem um aumento de salario a fim de se equipararem com outras que já alcançaram.

Chauffeurs em Portugal (Sul).—Comissão de Defesa e Melhoramentos.—Reuniu esta comissão sobre os agredidos, para tomar conhecimento do resultado da primeira reunião da comissão de transito.

Em face do relato feito pelo seu delegado naquella comissão, ficou sciencia de que a Câmara Municipal de Lisboa, intenta pôr em vigor uma postura sobre circulação de veiculos, do qual as classes interessadas desconhecem as disposições. Foi resolvido officiar-se a quella Câmara a pedir-lhe uma cópia da postura, e dar-lhe a conhecer a vantagem d'aquelle diploma não ser pôr em execução antes de se realizar uma entrevista entre uma comissão da Associação e a Câmara Municipal.

Também foi abordada a questão do P. A. M., sendo resolvido que o secretario da C. D. M. fosse ao Porto, conferenciando com os corpos gerentes da Associação do Norte, sobre trabalhos a executar sobre o mesmo assunto.

Direcção.—Reuniu, tratando de expediente e do balancete de contas da gerência de 1923.

Operários jardineiros.—Reuniu a assembleia geral que elegou os seguintes corpos gerentes para o corrente ano:

Assambleia geral—Presidente, José de Sousa; 1.º secretario, José Marques Alexandre; 2.º secretario, Alfredo dos Santos.

Direcção—Presidente, António Ferreira; 1.º secretario, José António Ferreira; 2.º secretario, Joaquim Gomes Monteiro; Vogal, João Gonçalves Durão; Tesoureiro, Manuel Fernandes da Rocha.

Conselho Fiscal—Presidente, Jorge Casagras; Secretario, Francisco Henriques; Relator, João da Silva.

Comissão de Melhoramentos—Presidente, Sebastião dos Santos; 1.º secretario, José Figueiredo; 2.º, Guilherme Martins; Relator, Manuel Horta; Vogal, Manuel Ferreira Teófilo.

## CONVOCAÇÕES

Federação Metalúrgica.—Reúne amanhã, pelas 21 horas, o conselho federal.

Federação Ferroviária.—Reúne hoje, pelas 13 horas, a comissão executiva d'este organismo, para tratar de assuntos importantes.

F. do C. Couros e Peles.—Reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa, conjuntamente com a comissão organizadora do III Congresso.

Federação Marítima.—Reúne hoje, pelas 20 horas, o conselho federal para tratar de assuntos indiadivels, devendo comparecer os delegados de todos os sindicatos federados e o secretario.

F. da C. Civil.—Para tomar conhecimento de varia correspondência dos Sindicatos aderentes, reúne hoje às 20 horas a comissão administrativa.

Federação Mobiliária.—Para a inauguração de trabalhos reúne hoje, às

17,30 horas (saída da officina), a comissão revisora de contas.

Operários Alfaiates.—A pedido da comissão de melhoramentos, é convocada a reunião hoje, às 21 horas, a assembleia geral d'este Sindicato, a fim de se apreciar a situação material da classe e as soluções a pôr em pratica para immediata melhoria de situação.

Fragateiros.—Reúne hoje pelas 20 horas o pessoal da Parceria dos Vapores Lisboenses para um assunto importante.

Empregados de Escritório.—Reúne a assembleia geral ordinaria, no dia 20 do corrente em 1.ª convocação pelas 20,30 horas e em 2.ª convocação às 21,30 horas, no caso de não haver numero sufficiente na 1.ª, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.ª Discussão e aprovação do relatório e contas da direcção do ano de 1923 e parecer do Conselho Fiscal. 2.ª Appreciar uma proposta do Conselho Fiscal. 3.ª Nomeação de delegados à Conferência Inter-Sindical. 5.ª Resolver sobre a criação de um Grupo Desportivo. 6.ª Eleição dos novos corpos gerentes.

S. U. Mobiliário.—Hoje, às 20,30 horas, reúne a comissão editora de «O Operário do M. Mobiliário» em conjunto com a Comissão Administrativa do Sindicato, para se occuparem dum assunto relacionado com o órgão corporativo.

Comissão de Melhoramentos.—Reuniu entre outros assuntos appreciou a forma como o pessoal da casa João da Rita & C.ª tem correspondido aos convites feitos por esta comissão, sendo resolvido convocar para hoje, às 17,30 horas, o mesmo pessoal assim como o pessoal da casa Severino, para o que reúne hoje novamente esta comissão com a presença de todos os componentes.

S. U. Metalúrgico.—A fim de apreciar a lamentavel e desastrosa finalização que a Administração e gerência da Companhia União Metalúrgica (Santo Amaro) deu à primeira fabrica metalúrgica do país e ainda para tratar de assuntos que dizem respeito à situação económica e profissional da classe, incluindo a especialidade dos limpadores de caldeiras, reúne hoje, às 20 horas, a comissão de melhoramentos e a comissão administrativa.

Compositores Tipograficos.—Para continuação dos trabalhos encetados ontem na reunião com o quadro do jornal «O Dia», reúne hoje a direcção d'este sindicato, sendo de maxima conveniencia a comparência de todos os seus membros.

Litógrafos e Anexos.—Reúne hoje, pelas 20 horas, em segunda convocação, a assembleia geral, para apreciação do relatório de contas, nomeação dos novos corpos gerentes e outros assuntos de interesse para a classe.

## SINDICATOS

## DA PROVINCIA

Construção Civil de Parede e ardores.—Reúne hoje a assembleia geral para serem apreciados os bilancetes dos meses de Janeiro e Fevereiro, levando tambem ser tratados outros assuntos de interesse para a colectividade.

## Por engano

O continuo do Sindicato Unico Mobiliário pede ao camarada que por engano levou um guarda chuva, o favor de o entregar na sede.

## Mutualismo e Cooperativismo

Cooperativa dos Catraeiros do Porto de Lisboa.—Reúne hoje, pelas 18 horas, a assembleia geral para tratar da aprovação do relatório de contas e do parecer do conselho fiscal.

## OS FALSIFICADORES

## Pão de tremço?

Na fabrica de moagem de Rio Trancão, em Sacavem, foram apreendidas na segunda-feira, pelos fiscaes do ministério da Agricultura, Caurino Correia dos Santos, João José da Costa e João José Pereira, trezentas sacas de tremço.

Os mesmos fiscaes já haviam apreendido na mesma fabrica, no dia 10, quatrocentas sacas tambem de tremço, sendo algum fariado e outro por fariar.

Numa fabrica de moagem encontraram-se tremço moído e outro por moer, levando-se a conclusão de que elle serve para misturar com a farinha de trigo. E desta maneira fabrica-se o pão que comemos. Não será assim?

Pão caro e de tremço? E andam as autoridades e os governos, para manter a ordem, a ameaçar os profissionais da desordem... quando sabem melhor que ninguém onde esses cavalheiros fazem ninho.

Mas o povo, afinal, que é o roubado e envenenado, é quem aguenta com as culpas e com o resto...

E acha bem...

## VIDA POLITICA

## Comuna José Fontana.

Reúne hoje, pelas 21 horas a assembleia geral. Devido à importância dos assuntos a tratar devem comparecer todos os seus componentes.

## Operários Alfaiates

## NOTA OFFICIOSA

Reunindo hoje a assembleia geral d'este sindicato, afim de se apreciar a deploravel situação económica que a classe atravessa, em face da desmedida ganância que se apossou dos senhores alheio, e que nem eles nem os governantes sabem remediar, restando só aos atingidos por essa criminoso usura de uns e cobardia ou cumplicidade dos outros o defenderem-se por todos os meios de que puderem dispor, a comissão de melhoramentos convida todos os sindicatos a comparecerem à assembleia geral que se effectua às 21 horas.

A Comissão de Melhoramentos.

**Teatro NACIONAL**

**HOJE**

**Récita da moda**

com a interessante comédia de Brioux

**SIMONE**

Estão suspensas as entradas de favor

**APOLLO** Telefone N. 4128

A peça da moda—A peça sem rival

**HOJE e SEMPRE**

em exito recrudescente e cada vez com maiores atracções

**54.º FRUTO PROIBIDO**

Fados á guitarra por Adolfinha Fernandes. Numerosos papéis por Elisa Santos. Agrado absoluto da Companhia OTELO DE CARVALHO

Ainda na actual semana: mais atracções: estreia de LAURA COSTA em numeroes de sensação

Em suspensão, rigorosamente, as entradas de favor. — Não se deixem carterias

**NO PORTO**

PELO TELEFONE

Greve grafica em Guimarães

PORTO, 18.—Por não serem atendidas as suas reclamações declararam greve os tipógrafos de Guimarães. Reclamam as 8 horas de trabalho e 50% de aumento sobre os salarios.

Reunões operarias

Reúnem hoje, às 20,30 horas, todos os componentes da secção dos electricistas do S. U. M. em reunião magna para apreciar as circulares de reclamação de salario.

Um barco encaalhado

Ao fim da tarde de hoje encaalhou um molhe norte do porto de Leixões, vapor francês «Iversile» em virtude de grande andamento ao entrar a barra. A meio da noite foi desencalhado com o auxilio do rebocador Tristão. Este vapor encaalhou no mesmo local onde tempos choccou o vapor «Figueira».

Greve de funcionalismo

Reúnham hoje os funcionários públicos do Porto com representantes dos concelhos sendo resolvido enviar um delegado a Lisboa e ficar a assembleia em sessão permanente até ao regresso do mesmo delegado.

Uma conferencia do Carcero de Moura

Foi muito concorrida a conferencia realizada hoje pelo dr. Carmo Moura, na casa do Povo-Portense, sobre a acção cooperativista. Houve um ligeiro incidente em virtude de alguns assistentes se conservarem em sessão permanente.

**LISBOA NA RUA**

Rendimentos dos operários

No Banco do hospital de São José, cebeu curativo Joaquim Rodrigues Norte, estivador, residente na rua do Ciano Cordeiro, 38, que a bordo de vapor alemão fundeado no Tjo foi lido por uma ligada, ficando ferido na cabeça e contuso pelo corpo.

Na enfermaria de São Sebastião mesmo deu entrada António da Silva, carroceiro, residente na rua do Aguiar, que deu uma queda da cama que guiava, ficando com varias contusões pelo corpo.

Agredidos

No Banco do hospital de São José, cebeu curativo Manuel Domingos, dentista no Largo das Cruzes da Sé, joia, que na rua Fernandes da Foz foi agredido, ficando ferido na cabeça.

No mesmo Banco recebeu curativo Custódio Henriques, residente no Póço do Borratém n.º 4, que próximo da residência foi agredido, ficando ferido na cabeça.

Depois de operado de laparotomia recolheu à sala de observações em do satisfatório. Patrocinado de Almeida Ribeiro, residente na rua Frei Manoel do Cenáculo, que foi agredido com facada no ventre.

**Os que morrem**

FALECIMENTOS

Após longo e doloroso sofrimento faleceu na madrugada de ontem António Rosa, conhecido poeta popular, e colaborou em diversos jornais e revistas literárias. O seu funeral tem hoje, pelas 15,30 horas, na villa Gago, 22, 1.ª, ao Caminho de Beirão, Penha, para o cemitério oriental.

FUNERARIAS

Realizou-se ontem pelas 16 horas, Beco dos Peixinhos para o cemitério Alto de São João, o funeral de Lopes de Azevedo, electricista da C. que foi muito concorrido por parte da secção onde o falecido pertence por outros elementos operários.

**SECÇÃO TELEGRAFICA**

Federações

CONSTRUÇÃO CIVIL

Sindicato de Monção.—Os labéis foram ontem enviados.

Sindicatos de Albufeira e de Lagos.—O expediente já foi remetido.

METALURGICA

Coimbra.—Lucrécio Oceano.—M



# Interesses de classe

### Empregados de escritório

Estando na ordem do dia o importante problema das instituições de beneficência, venho hoje, ao iniciar a comissão central do Sanatório dos Empregados do Comércio a propagação a que me tenho dedicado com o melhor do meu esforço, saldar o calceiro português, esperando que auxiliarei esta humanitária obra, contribuindo com a vossa solidariedade para que o mais rapidamente possível a sua construção seja um facto.

Acertamos este espinhoso encargo, e estamos dispostos por mais obstáculos que se anteponham a nossa marcha, a batalharmos o mais que pudermos para que seja posta em prática tão necessária obra, e dizemos com triste necessidade por constatarmos, não só pelas estatísticas oficiais, como pelo conhecimento directo que temos tido, que a nossa classe dia a dia se definha, tuberculizando-se, sendo os principais factores a «chômage», que já se acentua, a pouca higiene nos locais de emprego, a canseira derivada dum exaustivo labor e a falta de alimentação devido aos míseros vencimentos que a classe recebe.

Quando poderéis quanto antes atenuar a situação crítica dos nossos infelizes camaradas que por esse país fora se debatem com este terrível cancro, doença esta contrida pelos factores que vos expõem, bastando só, para honra nossa, que todos se congreguem numa activa propagação, realizando festivais, abridores, ou outras iniciativas, cujo produto reverta a levar a final a obra que o 8.º Congresso corporativo aprovou.

## Como se premeia o trabalho...

**Guarda.**—Agente.—Recebido 17354.  
**Elvas.**—Agente.—Recebido 16900.  
**Póvoa do Varzim.**—Agente.—Recebido 45875.  
**Pombal.**—Agente.—Recebido 7500.  
**Benavita.**—Agente.—Recebido esc. 19338. A obra completa não temos.  
**Famalicão.**—A. M. R.—Recebido 20300.  
**Silvoso.**—Ass. dos Rurais.—Diário e Suplemento ficam pagos até 24 de Março.  
**Ermidas.**—José A. Reis Neto e M. B. B.—Pela 3.ª vez vamos mandar os vossos recibos à cobrança. Nova devolução força-nos a suspendermos-lhe o envio do jornal.  
**Conceição.**—Gregório Ramos.—Vai novamente à cobrança o recibo da vossa assinatura.  
**Pôrto.**—Ant. G. Pina.—Sómos forçados a suspender-lhe o jornal por falta de pagamento aos recibos que mandamos à cobrança.  
**Lisboa.**—Assinantes cortados por falta de pagamento.—Heliodoro M. Castro, Rodrigo R. Vaz Nogueira, João António, e outros. Os seus recibos foram à cobrança mais de uma vez e vieram devolvidos. Aguardamos liquidação de débitos respectivos.

## Trabalhadores: lêde e propagação da Batalha

Sete camaradas descarregadores de mar e terra da área de Alcântara resolveram contribuir com a quantia de 100000 para ajuda do custeio das despesas do processo de Manoel Ramos. Apela também para a consciência de todos os camaradas da área que queiram contribuir com o seu auxílio para o mesmo fim, podendo-o fazer dirigindo-se à rua da Triste Feia, n.º 2, das 18 às 20 horas, todos os dias, onde o irmão da vítima receberá qualquer importância com que desejem contribuir.

Comunicamos Manoel Ramos ter já recebido em resposta ao seu apelo: Da comissão da Metalúrgica Limitada, duzentos e cinquenta mil réis; da comissão dos Vapores Metalúrgicos da Parceria dos Vapores Metalúrgicos, 50000; também recebeu dos camaradas Alonso e Tino, 10000 de cada um.

a senhora tem sido bondosa comigo e, entretanto, veja como me trataram!

—Há três dias que de balde peço o teu perdão a meu marido, replicou Aurélio com voz compassiva, e sempre me recusou; supliquei-lhe que me deixasse vir ver-te e mostrou-se inflexível; além disso leva sempre consigo a chave da tua prisão e dorme com ela debaixo do travesseiro. Esta noite aproveitando-me do seu sono, tirei-lhe a vim ter contigo.

—Tenho sofrido muito!... ainda mais com a vergonha do que com as dores, replicou Genoveva, vencida pela brandura da tua senhora; mas as suas palavras consolam-me.

—Escuta, Genoveva, não venho aqui sómente para te consolar; tu podes fugir desta casa e prestar um grande serviço ao mancebo de Nazaré... talvez mesmo salvar-lhe a vida...

—Que diz, minha querida senhora? exclamou Genoveva, pensando menos na sua liberdade do que no serviço que poderia prestar ao filho de Maria. Oh! Fale! A minha vida, se preciso for, arriscá-la-hei por aquele que disse: «Chegará um dia em que se quebrem os ferros dos escravos»!

Depois que nós passámos a noite fora de casa para irmos ouvir as pregações de Jesus, não tornei mais a ver Joana; o sr. Chusa tinha-lhe proibido sair de casa para vir aqui; contudo, esta noite, cedendo aos seus rogos, trouxe-a consigo... e enquanto ele conversava com meu marido, queres saber o que Joana me contou a respeito do jovem mestre de Nazaré?

—O que foi?—perguntou Genoveva assustada.

—Está traído...

—Traído! E por quem?

—Por um dos seus discípulos.

—Oh! que infame!

—O sr. Chusa, triunfando já da morte do pobre nazareno, revelou tudo esta noite a Joana, a fim de poder gosar da aflição que lhe causaria a ela tam triste notícia. Eis o que se passou: os fariseus, doutores da lei, senadores e príncipes dos sacerdotes,

# AS GREVES

### Gráficos das Casas de Obras

NOTA OFICIAL

Continua em greve o pessoal da Tipografia Maurício. Os industriais Lima, Martinez & Pena, Lda., proprietários desta oficina, que é uma autêntica rocha em que a classe tipográfica é explorada, com uma empreitada infamemente paga, pretendem ludibriar com falsas afirmações quem ainda os toma a sério.

Assim, depois de terem falsado a verdade numa nota que publicaram num jornal, à qual já respondemos, afixaram um aviso à porta da oficina em que afirmam que tem consideração alguma o pessoal abandonou o trabalho. Como se consideração alguma, deveria merecer aos operários quem os estava explorando, e falsamente prometendo semana a semana a solução das reclamações, visto que, ao contrário do que afirmam no aviso, de há muito que delas tinham conhecimento.

—A comissão pró aumento de salário.

Além de serem apreciados assuntos da máxima importância, é convocado o pessoal da Tipografia Maurício a reunir hoje, às 20 horas, na sede sindical, juntamente com a comissão.

## Operários colchoeiros

Esta classe, que há tempo se encontra em luta com alguns industriais, tem recebido numerosas adesões às suas reclamações de aumento de salário.

Na sua última assembleia foi nomeada uma comissão que se avistará hoje com os industriais renitentes, para que se solucione o conflito, ficando composta por Ivo Garrocho, Carlos da Costa Pinto, Carlos Rodrigues das Neves, Alvaro Macedo e João António Quintão.

## NO PORTO

**Mobiliários da casa Nascimento & Filhos**  
PORTO, 18.—Atendendo ao agravo do custo da vida, os operários desta casa, que é uma das mais importantes do norte do país, reclamaram dos respectivos industriais um aumento nos salários para assim enfrentarem a miséria que lhes tem vindo bater à porta.

O Sindicato Mobilário, a quem foi entregue a questão, tem procurado através da greve que os mesmos operários declararam, a qual abrange umas centenas de operários—juntos dos patrões conseguir a satisfação das suas reclamações.

Quando em princípio se tivesse verificado a entrada de alguns «camarelos» da especialidade de cadeiros, o mesmo já hoje se não verifica dada a acção e o espírito de 500 grevistas que preferem quebrar a torção.

Os industriais já ofereceram um escudo de aumento nos salários, mas a classe reunida, firme na sua razão, resolveu continuar em luta até que as suas reclamações sejam atendidas.

Entretanto os industriais vão-se contentando com os encargados de sectores, ganhando sem produzir, para avolumar mais o prejuízo que tem tido a sua irreducibilidade.

## NOTA DO COMITÉ

Camaradas:—O Comité continua vigilando a marcha do movimento, constatando que o moral dos grevistas é optimo.

Este Comité está esperançado que a continuar assim o movimento a vitória será um facto.

Os sr. Nascimento não de conveniencem-se para pôrem a funcionar as suas fábricas, tem de atender as justíssimas reclamações dos seus operários, porquanto estes não estão dispostos por mais tempo a passar, e fazer pesar fomes, os seus entes queridos.

Continuam, camaradas, com o mesmo entusiasmo, união e moral, mostrando aos vossos verdugos que foi o vosso direito à vida que os impeliu à luta.

Se lutam com consciência, que ninguém se renda.

Vivir a greve! Viva a união dos operários mobilários!—O Comité.

## EM BRAGA

**Operários da fábrica Taxa & Faria**

BRAGA, 16.—Continua a greve na fábrica de chapéus de Taxa & Faria, mantendo-se os grevistas com a mesma

exasperados pelas pregações daquele mancebo, reüniam em casa do grande sacerdote Caifaz e procuravam os meios de surpreender o nazareno; porém, temendo um levantamento popular se o prendessem ontem, dia de festa em Jerusalém, marcaram esta noite para a execução dos seus maus desígnios.

—O quê! esta noite? esta mesma noite?

—Sim, um traidor, um dos seus discípulos chamado Judas deve entregá-lo.

—Um daqueles que o acompanhava na taberna do Onagro.

—O mesmo de quem motaste o rosto taciturno e dissimulado... Judas foi procurar os príncipes dos sacerdotes e os doutores da lei e disse-lhes:

—«Dai-me dinheiro e eu vos entregarei o nazareno.»

—Miserável!

—Tratou, pois, com eles, que receberia trinta dinheiros e, a estas horas, talvez que o pobre mancebo, que de nada desconfia, seja vítima de semelhante traição.

—Ah! Se assim é, que serviço poderei eu prestar-lhe?

—Escuta mais... Eis o que Joana me disse esta noite:

### Reclames

A delicada peça «Simone» que no Nacional está dando as despedidas, seguiu-se-lhe a peça «Ingleses...» original de Lorjô Tavares, e um outro original em acto intitulado «Irmã Cruz de Guerra», de Carlos Alberto Ferreira, cuja interpretação está confiada aos artistas Ilda Stiehl, Helena de Castro, Rafael Marques, Clemente Pinto e Carlos Shore.

—São já 54 as representações que hoje completa, no Apolo, a famosa revista «Fruito proibido», a peça sem rival que tem sempre novas atrações para o público. A mais recente é a da estreia da gentil Adeline Fernandes; que com um grande relevo interpreta numerosos papéis na revista, sendo festivamente em todos e nos lados que conta com acompanhamento de guitarra.

—E' com a graciosíssima peça «A Viúva do Senhor», que, a 19 de Abril, reaparece em S. Carlos a companhia Lucília Simões, inaugurando nessa noite a temporada de primavera.

—Na próxima sexta-feira estreia-se, no Apolo, a gentil actriz Laura Costa, que desempenhará 5 números novos, na revista que continua ali em scena, com enorme êxito.

—A peça num acto «Irmã Cruz de Guerra», que vai ser representada no Nacional conjuntamente com a peça em 3 actos «Ingleses...», terá guarda-roupa do «costumier» Castelo Branco.

—O actor Joaquim Prata realiza a sua festa no Apolo, a 27 do corrente, apresentando o espectáculo várias atrações.

## CARTAZ

S. CARLOS—A's 21.—«Travessa». NACIONAL—A's 21.—«Simone». S. LUIS—A's 21.—«Sonho de valsa». TRINDADE—A's 21.—«A primeira». POLTERRA—A's 21.—«A greve geral». APOLO—A's 21.—«Fruito Proibido». AVENIDA—A's 21.—«O Povo do Bispo». EDEN THEATRE—Não há espectáculo. MARIA VICTORIA—Não há espectáculo. COLISEU DOS RECREIOS—A's 21.—Grande companhia de circo. CAL VICENTE—A's 21.—«Amor engarrafado».

OLIMPIA—A's 20, 25.—Animatógrafo. SALAO FOZ—A's 14, 30 e 20, 30. Variedades. CHIADO TERRASSE—A's 14, 30 e 20, 30. Animatógrafo. CONDES (Av. da Liberdade).—Animatógrafo. CENTRAL (Av. da Liberdade).—Animatógrafo. CINE-PARIS (Rua Pereira Borges).—Animatógrafo. IDEAL (Teatro).—Animatógrafo. ROSSIO (Arco Bandeira).—Animatógrafo. CHANTECLER (Praça dos Restauradores).—Fitas filmadas. PROMOTORA (Largo do Calvario).—Animatógrafo. EDEN-CINEMA (Rua do Alentejo).—Animatógrafo.

## Associação dos Inquilinos

Reúna a comissão organizadora desta Associação, tendo resolvido entre outros assuntos protestar desde já contra o § 5.º do art. 2.º do projecto de lei actualmente no Senado que proíbe o inquilino de sub-rendar qualquer quarto ou parte de casa sem autorização expressa do senhorio, do que resulta mais um meio de exploração para os senhores e ainda protestar contra o contínuo e crescente aumento da renda de casa.

A mesma comissão avistouse ontem, no Senado, com o dr. sr. Catão de Menezes, a quem fez ciência das suas aspirações, entregando-lhe uma representação com grande número de alvítyres para serem por ele estudados e defendidos na próxima discussão da lei do inquilinato.

O referido senador prometeu interessar-se pelas aspirações da Associação dos Inquilinos, cuja organização afirmou merecer-lhe a maior simpatia. Lembra-se a todos os interessados a vantagem de se inscreverem sócios da nova organização de defesa, o que podem fazer no Rossio, 120.

firmes, apesar de decorridos 21 dias de luta.

Os grevistas, reunidos em assembleia magna e como resposta ao insulto recebido, deliberaram reforçar o pedido de aumento de salário, que era de 22, par 50 por cento prosseguindo na mesma atitude e não os intimidando os trucos que o coronel Pacheco, dos lados de lá, lhes vem preparando, estando todos na firme disposição de abandonar esta localidade a ter de se sujeitar aos desfechos de qualquer cavaleiro daquela espécie.

## Desmands administrativos dum inspector

E' tal o desplane do inspector João Fernandes, do Serviço de Tracção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, é tal a sua desvergonha, que, apesar do que aqui se tem dito, continua com a mesma administração, continua a defraudar os Caminhos de Ferro.

Em lugar de pedir um inquérito ao que aqui se tem afirmado, do seu descalabro administrativo e moral, teve a audácia, conculado com o chefe de Serviço de Tracção, outro imoral, de transferir três empregados sob as suas ordens, por — segundo a sua sapiência policial — o terem descoberto em público no nosso jornal.

A imbecilidade de suas «excepcionais pessoas» julgaram ter descoberto os autores do que se tem afirmado sem receio de desmentido.

Pode o João Fernandes transferir todo o seu pessoal que as verdadeiras díscordias.

Peça um inquérito, mas um inquérito que não seja feito pelo seu cúmplice — o chefe de serviço.

—O director geral dos Caminhos de Ferro do Estado compete providenciar nesse sentido.

João Fernandes compete evitar os seus desmandos e, caso contrário, jamais o largaremos. Vá transferindo, porque também lhe competirá, quando menos o julgue, a sua mudança de situação.

Já lhe temos oferecido alguns dados para a sua defesa. Já vão mais alguns. Como é que se compreende que sem madeiras haja nas oficinas de Faro um carpinteiro, que se envergou por não produzir, que tenha serenos sem fazer?

Quanto tem custado ao Caminho de Ferro a mobilidade e diversos utensílios que esse carpinteiro tem feito para garantir as casas do inspector e chefes de depósito?

Muito. Multíssimo; pois que além da mão de obra há a acrescentar as poucas madeiras fornecidas para diversos serviços e que por «ordem superior» se destinam a mesas de cabeceira!

Sr. João Fernandes! sr. João de Beja! Vá transferindo «por conveniência de serviço» os empregados que julga escusos a sua cronica, mas vá também pedindo um inquérito.

Sr. director geral: mande fazer um inquérito ao moralista, vosso inspector, João Fernandes, e sabrá o que em Faro se passa. Chame a esse inquérito para deporem, os agentes transferidos e tantos outros que lhe citaremos. Não vá buscar para testemunhas os «afilhados» já conhecidos. Há coragem! Há vergonha!

Continuaremos, se não for posto cobro a estes desmandos. — Um ferroviário.

# AS GREVES

NOTA OFICIAL

Continua em greve o pessoal da Tipografia Maurício. Os industriais Lima, Martinez & Pena, Lda., proprietários desta oficina, que é uma autêntica rocha em que a classe tipográfica é explorada, com uma empreitada infamemente paga, pretendem ludibriar com falsas afirmações quem ainda os toma a sério.

Assim, depois de terem falsado a verdade numa nota que publicaram num jornal, à qual já respondemos, afixaram um aviso à porta da oficina em que afirmam que tem consideração alguma o pessoal abandonou o trabalho. Como se consideração alguma, deveria merecer aos operários quem os estava explorando, e falsamente prometendo semana a semana a solução das reclamações, visto que, ao contrário do que afirmam no aviso, de há muito que delas tinham conhecimento.

—A comissão pró aumento de salário.

Além de serem apreciados assuntos da máxima importância, é convocado o pessoal da Tipografia Maurício a reunir hoje, às 20 horas, na sede sindical, juntamente com a comissão.

## Operários colchoeiros

Esta classe, que há tempo se encontra em luta com alguns industriais, tem recebido numerosas adesões às suas reclamações de aumento de salário.

Na sua última assembleia foi nomeada uma comissão que se avistará hoje com os industriais renitentes, para que se solucione o conflito, ficando composta por Ivo Garrocho, Carlos da Costa Pinto, Carlos Rodrigues das Neves, Alvaro Macedo e João António Quintão.

## NO PORTO

**Mobiliários da casa Nascimento & Filhos**  
PORTO, 18.—Atendendo ao agravo do custo da vida, os operários desta casa, que é uma das mais importantes do norte do país, reclamaram dos respectivos industriais um aumento nos salários para assim enfrentarem a miséria que lhes tem vindo bater à porta.

O Sindicato Mobilário, a quem foi entregue a questão, tem procurado através da greve que os mesmos operários declararam, a qual abrange umas centenas de operários—juntos dos patrões conseguir a satisfação das suas reclamações.

Quando em princípio se tivesse verificado a entrada de alguns «camarelos» da especialidade de cadeiros, o mesmo já hoje se não verifica dada a acção e o espírito de 500 grevistas que preferem quebrar a torção.

Os industriais já ofereceram um escudo de aumento nos salários, mas a classe reunida, firme na sua razão, resolveu continuar em luta até que as suas reclamações sejam atendidas.

Entretanto os industriais vão-se contentando com os encargados de sectores, ganhando sem produzir, para avolumar mais o prejuízo que tem tido a sua irreducibilidade.

## NOTA DO COMITÉ

Camaradas:—O Comité continua vigilando a marcha do movimento, constatando que o moral dos grevistas é optimo.

Este Comité está esperançado que a continuar assim o movimento a vitória será um facto.

Os sr. Nascimento não de conveniencem-se para pôrem a funcionar as suas fábricas, tem de atender as justíssimas reclamações dos seus operários, porquanto estes não estão dispostos por mais tempo a passar, e fazer pesar fomes, os seus entes queridos.

Continuam, camaradas, com o mesmo entusiasmo, união e moral, mostrando aos vossos verdugos que foi o vosso direito à vida que os impeliu à luta.

Se lutam com consciência, que ninguém se renda.

Vivir a greve! Viva a união dos operários mobilários!—O Comité.

## EM BRAGA

**Operários da fábrica Taxa & Faria**

BRAGA, 16.—Continua a greve na fábrica de chapéus de Taxa & Faria, mantendo-se os grevistas com a mesma

exasperados pelas pregações daquele mancebo, reüniam em casa do grande sacerdote Caifaz e procuravam os meios de surpreender o nazareno; porém, temendo um levantamento popular se o prendessem ontem, dia de festa em Jerusalém, marcaram esta noite para a execução dos seus maus desígnios.

—O quê! esta noite? esta mesma noite?

—Sim, um traidor, um dos seus discípulos chamado Judas deve entregá-lo.

—Um daqueles que o acompanhava na taberna do Onagro.

—O mesmo de quem motaste o rosto taciturno e dissimulado... Judas foi procurar os príncipes dos sacerdotes e os doutores da lei e disse-lhes:

—«Dai-me dinheiro e eu vos entregarei o nazareno.»

—Miserável!

—Tratou, pois, com eles, que receberia trinta dinheiros e, a estas horas, talvez que o pobre mancebo, que de nada desconfia, seja vítima de semelhante traição.

—Ah! Se assim é, que serviço poderei eu prestar-lhe?

—Escuta mais... Eis o que Joana me disse esta noite:

# AS GREVES

NOTA OFICIAL

Continua em greve o pessoal da Tipografia Maurício. Os industriais Lima, Martinez & Pena, Lda., proprietários desta oficina, que é uma autêntica rocha em que a classe tipográfica é explorada, com uma empreitada infamemente paga, pretendem ludibriar com falsas afirmações quem ainda os toma a sério.

Assim, depois de terem falsado a verdade numa nota que publicaram num jornal, à qual já respondemos, afixaram um aviso à porta da oficina em que afirmam que tem consideração alguma o pessoal abandonou o trabalho. Como se consideração alguma, deveria merecer aos operários quem os estava explorando, e falsamente prometendo semana a semana a solução das reclamações, visto que, ao contrário do que afirmam no aviso, de há muito que delas tinham conhecimento.

—A comissão pró aumento de salário.

Além de serem apreciados assuntos da máxima importância, é convocado o pessoal da Tipografia Maurício a reunir hoje, às 20 horas, na sede sindical, juntamente com a comissão.

## Operários colchoeiros

Esta classe, que há tempo se encontra em luta com alguns industriais, tem recebido numerosas adesões às suas reclamações de aumento de salário.

Na sua última assembleia foi nomeada uma comissão que se avistará hoje com os industriais renitentes, para que se solucione o conflito, ficando composta por Ivo Garrocho, Carlos da Costa Pinto, Carlos Rodrigues das Neves, Alvaro Macedo e João António Quintão.

## NO PORTO

**Mobiliários da casa Nascimento & Filhos**  
PORTO, 18.—Atendendo ao agravo do custo da vida, os operários desta casa, que é uma das mais importantes do norte do país, reclamaram dos respectivos industriais um aumento nos salários para assim enfrentarem a miséria que lhes tem vindo bater à porta.

O Sindicato Mobilário, a quem foi entregue a questão, tem procurado através da greve que os mesmos operários declararam, a qual abrange umas centenas de operários—juntos dos patrões conseguir a satisfação das suas reclamações.

Quando em princípio se tivesse verificado a entrada de alguns «camarelos» da especialidade de cadeiros, o mesmo já hoje se não verifica dada a acção e o espírito de 500 grevistas que preferem quebrar a torção.

Os industriais já ofereceram um escudo de aumento nos salários, mas a classe reunida, firme na sua razão, resolveu continuar em luta até que as suas reclamações sejam atendidas.

Entretanto os industriais vão-se contentando com os encargados de sectores, ganhando sem produzir, para avolumar mais o prejuízo que tem tido a sua irreducibilidade.

## NOTA DO COMITÉ

Camaradas:—O Comité continua vigilando a marcha do movimento, constatando que o moral dos grevistas é optimo.

Este Comité está esperançado que a continuar assim o movimento a vitória será um facto.

Os sr. Nascimento não de conveniencem-se para pôrem a funcionar as suas fábricas, tem de atender as justíssimas reclamações dos seus operários, porquanto estes não estão dispostos por mais tempo a passar, e fazer pesar fomes, os seus entes queridos.

Continuam, camaradas, com o mesmo entusiasmo, união e moral, mostrando aos vossos verdugos que foi o vosso direito à vida que os impeliu à luta.

Se lutam com consciência, que ninguém se renda.

Vivir a greve! Viva a união dos operários mobilários!—O Comité.

## EM BRAGA

**Operários da fábrica Taxa & Faria**

BRAGA, 16.—Continua a greve na fábrica de chapéus de Taxa & Faria, mantendo-se os grevistas com a mesma

exasperados pelas pregações daquele mancebo, reüniam em casa do grande sacerdote Caifaz e procuravam os meios de surpreender o nazareno; porém, temendo um levantamento popular se o prendessem ontem, dia de festa em Jerusalém, marcaram esta noite para a execução dos seus maus desígnios.

—O quê! esta noite? esta mesma noite?

—Sim, um traidor, um dos seus discípulos chamado Judas deve entregá-lo.

—Um daqueles que o acompanhava na taberna do Onagro.

—O mesmo de quem motaste o rosto taciturno e dissimulado... Judas foi procurar os príncipes dos sacerdotes e os doutores da lei e disse-lhes:

—«Dai-me dinheiro e eu vos entregarei o nazareno.»

—Miserável!

—Tratou, pois, com eles, que receberia trinta dinheiros e, a estas horas, talvez que o pobre mancebo, que de nada desconfia, seja vítima de semelhante traição.

—Ah! Se assim é, que serviço poderei eu prestar-lhe?

—Escuta mais... Eis o que Joana me disse esta noite:

# AS GREVES

NOTA OFICIAL

Continua em greve o pessoal da Tipografia Maurício. Os industriais Lima, Martinez & Pena, Lda., proprietários desta oficina, que é uma autêntica rocha em que a classe tipográfica é explorada, com uma empreitada infamemente paga, pretendem ludibriar com falsas afirmações quem ainda os toma a sério.

Assim, depois de terem falsado a verdade numa nota que publicaram num jornal, à qual já respondemos, afixaram um aviso à porta da oficina em que afirmam que tem consideração alguma o pessoal abandonou o trabalho. Como se consideração alguma, deveria merecer aos operários quem os estava explorando, e falsamente prometendo semana a semana a solução das reclamações, visto que, ao contrário do que afirmam no aviso, de há muito que delas tinham conhecimento.

—A comissão pró aumento de salário.

Além de serem apreciados assuntos da máxima importância, é convocado o pessoal da Tipografia Maurício a reunir hoje, às 20 horas, na sede sindical, juntamente com a comissão.

## Operários colchoeiros

Esta classe, que há tempo se encontra em luta com alguns industriais, tem recebido numerosas adesões às suas reclamações de aumento de salário.

Na sua última assembleia foi nomeada uma comissão que se avistará hoje com os industriais renitentes, para que se solucione o conflito, ficando composta por Ivo Garrocho, Carlos da Costa Pinto, Carlos Rodrigues das Neves, Alvaro Macedo e João António Quintão.

## NO PORTO

**Mobiliários da casa Nascimento & Filhos**  
PORTO, 18.—Atendendo ao agravo do custo da vida, os operários desta casa, que é uma das mais importantes do norte do país, reclamaram dos respectivos industriais um aumento nos salários para assim enfrentarem a miséria que lhes tem vindo bater à porta.

O Sindicato Mobilário, a quem foi entregue a questão, tem procurado através da greve que os mesmos operários declararam, a qual abrange umas centenas de operários—juntos dos patrões conseguir a satisfação das suas reclamações.

Quando em princípio se tivesse verificado a entrada de



